

OCTÁVIO

Peça em 3 actos de VITORIANO BRAGA. Publicada em 1927.

Representada pela primeira vez no Teatro Nacional a 5 de Maio de 1916.

[...]

**Três cenas: uma sala luxuosíssima, comunicando com um jardim de inverno, em casa de cidade (1.º acto); um quarto de vestir mobilado «com a maior elegância», em casa de praia (2.º acto); uma sala «luxuosa mas severa» na mesma casa do 1.º acto (3.º acto).
Acção antes da guerra de 14-18.**

Octávio, jovem aristocrata, músico de talento e possuidor de uma grande fortuna, teria tudo para ser feliz, mas o seu snobismo estético, o seu decadentismo, levam-no a uma quase misoginia que o faz afastar-se das mulheres, senão mesmo detestá-las. Contudo decide casar-se, mais para satisfazer a vontade de sua mãe que deseja ardentemente um neto que lhe prolongue a descendência. A escolha recai sobre Maria da Graça, bela e educada rapariga, filha de amigos de família, a quem todavia seu primo Rodrigo, que a ama, insinua não lhe convir Octávio para marido, sem lhe dizer porquê. Depois do casamento, e a confirmar a advertência de Rodrigo, este torna-se amante de Maria da Graça, já que no dizer desta Octávio a trata «como uma estátua, uma obra de arte que se admira mas em que mal se toca». O drama surge quando Maria da Graça, que espera um filho de Rodrigo, tudo faz para ter relações com o marido mas sem êxito. Octávio adocece gravemente, censura-se por não dar a sua mãe o tão desejado herdeiro, enquanto já se torna evidente a gravidez de Maria da Graça. Tão evidente que a mãe resolve ser ela a dar-lhe a feliz nova na presença de Gil, amigo íntimo de Octávio. Mas este, ao aperceber-se da infidelidade de Maria da Graça, que dizia ser «a mais virtuosa e a mais resignada de todas as mulheres», não resiste e morre.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 236-237.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.